

ORGANIZAÇÃO TEXTUAL E (DES)LINEARIDADE: O CASO DOS SÍTIOS *WEB*

MATILDE GONÇALVES

(Fundação para a Ciência e a Tecnologia / Centro de Linguística da Universidade
Nova de Lisboa, CLUNL)*

ABSTRACT: One of the aspects taken into account in the description of the textual organization is the hierarchical and linear nature of the texts. However, some digital texts are characterized by their nonlinear nature. In fact, the text blocks do not need to have a sequential logic and the links connect the pages without a hierarchical structure. Thus, this paper discusses the textual organization of web sites by analyzing the text plans and the relations between the various textual sections. We will study the influence of non-linearity in the textual organization and will point out clues to be developed in the description and understanding of the organizational websites.

KEYWORDS: website; textual organization; non linearity; network organization.

1. Introdução

As novas tecnologias, enquanto práticas de linguagem, proporcionam a criação de novos géneros textuais e de novos textos – *e-mail*, blogues, fóruns de discussão, sítios *web*, etc. De facto, a mudança de suporte – passagem do oral/escrito ao digital – gerou sem dúvida inúmeras transformações tanto a nível da organização como da compreensão textual.

Um dos aspetos tidos em conta na descrição da organização textual é o carácter hierárquico e linear dos textos (Adam, 2001, Bronckart, 1997, Rastier, 2001). Contudo, alguns textos digitais caracterizam-se pela sua natureza não linear: as diversas unidades (segmentos ou blocos textuais) não têm necessariamente de seguir uma lógica sequencial e a presença de *links* (ou

* Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto PEst-OE/LIN/UI3213/2011.

elos) ligam os textos ou blocos de texto entre si, sem que haja uma estrutura hierárquica. Assim, partindo deste facto, a pergunta que aqui se coloca é a seguinte: como se organizam os textos digitais se não se organizam nem linear nem hierarquicamente?

Para responder a esta pergunta, propomo-nos observar a organização textual de alguns textos digitais, nomeadamente sítios *web*. Assim sendo, numa primeira parte procurar-se-á determinar as diversas secções que compõem o plano de texto, tendo em consideração as unidades verbais e inter-semióticas (imagens, vídeos, etc.). Numa segunda fase, indagar-se-á a relação entre essas diferentes unidades e, num terceiro momento, discutir-se-á a organização não hierárquica e não linear dos sítios *web*. A nossa proposta basear-se-á na análise de quatro sítios *web* ligados ao turismo português – dois institucionais (exemplo 1 – “Turismo de Portugal”¹, exemplo 2 – “Descubra Portugal”²) e dois do domínio privado (exemplo 3 – “NML Turismo e Desenvolvimento”³, exemplo 4 – “Sítios, Serviços, Informação e Turismo”⁴).

2. Plano de texto do sítio *web*

A noção de plano de texto parece-nos fulcral na observação da configuração de um texto. De facto, o plano de texto desempenha um papel essencial tanto na organização global de um texto como na sua compreensão e interpretação, visto ser responsável pela estrutura composicional do texto (Adam, 2008:256).

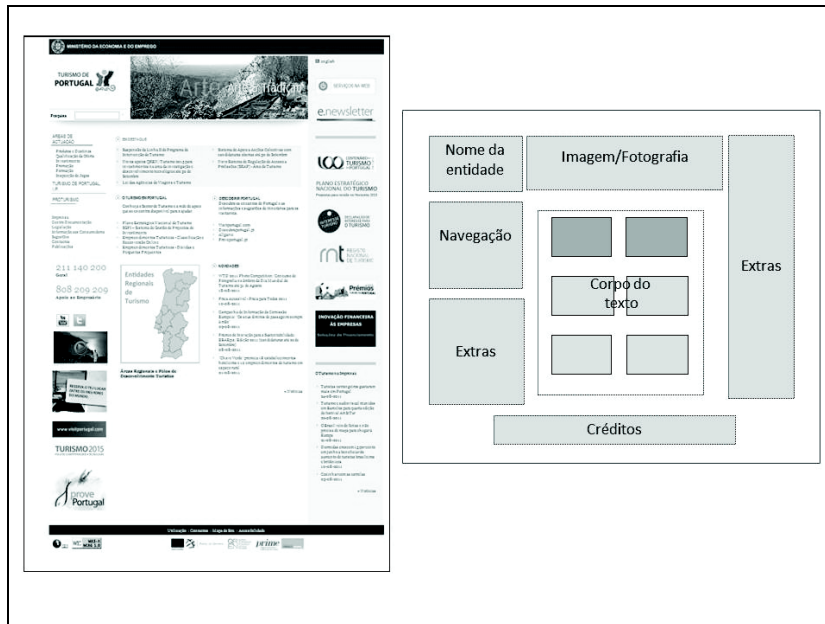
Um dos caminhos para dar conta do plano de texto é determinar as diferentes partes que constituem o texto e analisar como se delimitam na superfície textual. A segmentação visível de um texto manifesta-se através da tipografia, da segmentação espacial, da formatação dos parágrafos ou blocos de texto, da escolha cromática.

¹ <http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/Pages/Homepage.aspx> (consultado em 26 de agosto de 2011)

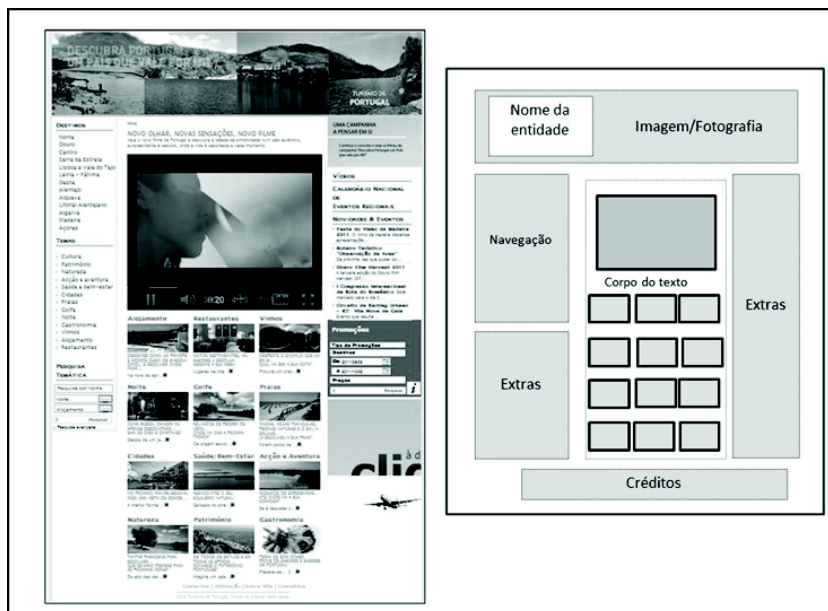
² <http://www.descubraportugal.com.pt/edicoes/tdp/default.asp> (consultado em 26 de agosto de 2011)

³ <http://www.turismo-portugal.com/> (consultado em 26 de agosto de 2011)

⁴ <http://www.sitios-sa.com/> (consultado em 26 de agosto de 2011)



Exemplo 1. Sítio web e respetivo esquema do plano de texto de “Turismo de Portugal”



Exemplo 2. Sítio web e respetivo esquema do plano de texto de “Descubra Portugal”



Exemplo 3. Sítio *web* e respetivo esquema do plano de texto de “NML Turismo e Desenvolvimento”



Exemplo 4. Sítio *web* e respetivo esquema do plano de texto de “Sítios, Serviços, Informação e Turismo”

A maior parte dos sítios *web* é constituída por diversas secções. O nome da entidade à qual pertence o sítio *web* aparece sempre na parte superior do lado esquerdo, porque este é o primeiro lugar em que se fixa o olhar, quando o leitor se depara pela primeira vez com o texto. Além disso, o nome da entidade pode estar ou não acompanhado de um logotipo, como é o caso do exemplo 1.

Outra secção do plano de texto do sítio *web* é a barra de navegação (ou simplesmente navegação). Esta desempenha um papel fundamental no sítio

web, tanto para o produtor textual como para o leitor. De facto, a barra de navegação permite ao leitor/utilizador orientar-se na sua leitura (ou navegação) e ao produtor organizar o conteúdo do sítio *web*. Esta secção pode situar-se ou no lado esquerdo ou na parte superior da página, abaixo do nome da entidade.

O corpo de texto ocupa geralmente o lugar central do texto. Tanto pode apresentar o conteúdo temático a ser desenvolvido nas diversas secções do sítio *web* (ou páginas) como a entidade a quem pertence o sítio *web*.

A secção das imagens ou fotografias, sempre presente nos sítios *web*, permite por um lado atrair o leitor, dando cor e forma ao texto e, por outro, fortalecer a identidade da entidade.

Os créditos fazem parte de uma secção discreta que aparece no fundo da página inicial. Nesta secção são dadas informações adicionais sobre o sítio *web*, tais como a pessoa/entidade responsável pelo sítio *web*, o plano do sítio, os selos de qualidade (conformidade ISO).

A última secção, à qual chamamos “extras”, está sempre situada no canto inferior esquerdo ou no lado direito da página e é composta por diversos elementos heteróclitos, que vão desde a *newsletter* ao logotipo, passando por vídeos, pesquisa, área do cliente.

O que se pode observar a partir destes exemplos é que nos quatro textos estão presentes as seguintes secções: nome da entidade, imagem/fotografia, barra de navegação, corpo de texto e créditos. Tendo consciência do que aqui se apresenta não é um estudo exaustivo, mas sim pistas a serem aprofundadas, parece-nos contudo relevante pensar que a estrutura do sítio *web* tende a estabilizar-se através das práticas sociais e de linguagem. Este fenómeno é observável através da existência de partes ou secções textuais fixas e de outras que são opcionais, como é o caso da secção “extras”. Repare-se que nos exemplos 1 e 2 há extras do lado direito, enquanto que no exemplo 3 não há nada e no exemplo 4 há uma imagem⁵.

Partindo das observações feitas anteriormente sobre as diversas partes do plano de texto do sítio *web* e inspirando-nos na distinção que Jean-Michel Adam⁶ faz dos planos de texto convencionais ou fixos e dos planos de texto ocasionais, parece-nos viável fazer uma diferenciação entre partes ou secções convencionais e partes ou secções ocasionais. Assim sendo, no que diz respeito aos 4 textos observados, temos:

⁵ Em futuros trabalhos procurar-se-á averiguar se o facto de os exemplos 1 e 2 pertencerem a uma entidade pública, ao contrário dos textos 3 e 4 – estes pertencem a entidades privadas – poderá influenciar a existência dessa secção.

⁶ Os planos de texto convencionais ou fixos dependem diretamente do género textual. Este dita o que é permitido e o que não é a nível da organização textual, enquanto os planos de texto ocasionais correspondem a textos singulares (Adam, 2001).

<i>Secções convencionais</i>	<i>Secções ocasionais</i>
<i>Título ou nome da entidade</i> <i>Barra de navegação</i> <i>Corpo de texto</i> <i>Imagem/fotografia</i> <i>Créditos</i>	<i>Logotipo</i> <i>Vídeo</i> <i>Newsletter</i> <i>Pesquisa/Busca</i> <i>Área do cliente</i>

} extras

Quadro 1. Secções convencionais e secções ocasionais dos sítios *web*

Esta diferenciação entre secções convencionais e secções ocasionais demonstra dois factos. O primeiro diz respeito à influência da variabilidade da situação de produção sobre as escolhas linguísticas feitas pelo agente produtor. De facto, dependendo da ação de linguagem, do objetivo do género, o produtor textual tem de optar por determinados recursos linguísticos. Estes são de duas ordens – macrolinguísticos (o género textual, o texto, os tipos de discurso, entre outros) e microlinguísticos (escolhas semânticas, morfo-sintáticas, entre outros). O segundo facto evidencia as opções, entre outras, que o género textual oferece ao agente produtor para organizar o texto. Com efeito, na fase da produção textual, o produtor seleciona as secções que quer incluir no texto e como pretende articulá-las. O texto produzido será sempre único, visto corresponder a uma sábia mistura entre aquilo que o género textual permite ou não e o que é realmente semiotizado no texto.

3. Relações entre secções

Neste ponto pretende-se dar relevo a alguns tipos de relações que se estabelecem entre as diversas secções que compõem um sítio *web*. Nesse sentido, distinguimos dois tipos de relação: a primeira corresponde às relações que se proporcionam entre as partes na página inicial; a segunda, às relações no seio do sítio *web*.

3.1. No seio da página inicial

No seio da página principal, observam-se vários tipos de relação entre as diversas secções. O segmento “nome da entidade” desenvolve uma relação organizadora. É a partir desta secção, que serve para introduzir a identidade da entidade, que se desenvolvem as diversas relações entre secções.

A “imagem/fotografia” marca uma relação ilustrativa e torna o texto mais apelativo e procura compensar a imaterialidade do texto (Giffard, 1997: 250). Manifesta-se, por vezes, uma relação de dependência entre a entidade e a imagem, na qual se constrói uma cadeia referencial. O nome da entidade introduz o referente e a imagem executa a retoma referencial, como se pode ver no exemplo 1, no qual a imagem é uma paisagem do Castelo do Marvão (tal como está explicitado na fotografia) associada à expressão “Arte e Tradição” e que ao mesmo tempo mostra e divulga o que se pode visitar em

Portugal. O mesmo ocorre no exemplo 2, no qual se pode observar uma justaposição de fotografias de rios e vales portugueses.

A secção “navegação” explicita uma relação estruturante. De facto, por um lado disponibiliza informações sobre o conteúdo do sítio *web* através dos diversos itens que constituem essa navegação e, por outro, permite organizar as diversas páginas que compõem o sítio *web* tanto para o agente produtor como para o leitor/utilizador.

O “corpo de texto”, por sua vez, incrementa uma relação de desenvolvimento, já que fornece informações de diversa ordem, tais como as notícias (exemplos 1 e 3), os temas ligados ao turismo português (exemplo 2), as características da entidade (exemplo 4) e as diversas áreas de intervenção (exemplo 1).

A ligação entre a secção “créditos” e as outras secções pode ser caracterizada como sendo uma relação informativa. Como salientámos anteriormente, nesta parte são dadas informações sobre o sítio *web* em si mesmo – autoria, mapa do sítio, contactos – e sobre outras instituições que certificam o sítio *web* ou que se relacionam com a entidade à qual este pertence.

Por fim, os “extras” expressam uma relação complementar e informativa; o seu objetivo é disponibilizar complementos de diversas ordens, tais como eventos, promoções, contactos.

3.2. No seio do sítio *web*

Propomos de seguida uma análise não exaustiva das relações no seio do próprio sítio *web*. Com efeito, o utilizador acede usualmente ao texto através da página principal. No entanto, como se sabe, o texto não se limita a essa página, sendo constituído por uma rede de páginas adjacentes à página principal, interligadas por *links*.

Os *links* são geralmente definidos como uma ligação ou uma conexão entre os diversos conteúdos disponíveis na Internet. Existem vários tipos de *links*: os internos, que, como o nome indica, conduzem o leitor, dentro do mesmo sítio *web*, a uma determinada página ou a outra parte ou secção (filme, imagem, gráfico, etc.) e os externos, que direcionam o leitor para outro local na internet, fora do sítio *web* inicial.⁷

Um *link* é reconhecível através do facto de, ao passar o rato, o texto ficar automaticamente sublinhado.⁸

⁷ Para mais detalhes, ver <http://www.tecnologiadoglobo.com/2010/02/diferenca-entre-link-follow-nofollow/> (consultado a 26 de outubro de 2011).

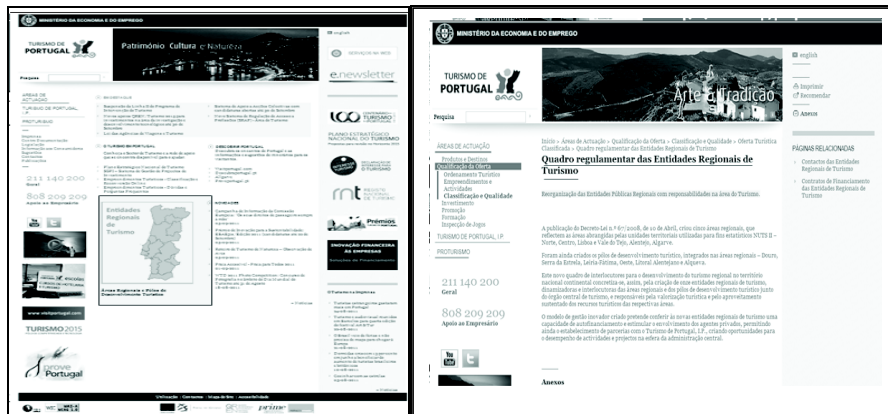
⁸ Convém especificar que este processo não é igual para todos os sítios *web*. De facto, o que mostramos aqui não esgota todas as possibilidades fornecidas pelas suas funcionalidades.

Exemplo 5. Exemplo de um *link* interno e da página relacionada

Dado o espaço deste artigo, propomos a análise de alguns exemplos de relação entre *links* a título ilustrativo. Os *links* podem ser de natureza diferente – verbal ou intersemiótica – e interligam unidades ou secções de tamanho e/ou tipo distinto. Relativamente ao exemplo 5, repare que se dá uma continuidade temática através da repetição do *link* que na página a seguir funciona como título “Sistema de Apoio a Ações Coletivas com candidaturas abertas até 30 de setembro”. Nesse sentido, o tipo de relação que se estabelece entre o *link* e a página ligada é uma relação de desenvolvimento, visto o conteúdo do corpo de texto explicitar o que o título anuncia.

Exemplo 6. Exemplo de um *link* externo e da página relacionada

O exemplo 6 mostra-nos a relação entre um *link* externo e a página de um sítio *web* diferente que pertence ao Programa Operacional Fatores de Competitividade (www.pofc.qren.pt). A relação que aqui se instaura é uma relação informativa e complementar, uma vez que o objetivo é dar mais informações sobre determinado assunto (aviso para apresentação de candidaturas).



Exemplo 7. Exemplo de um *link* externo e da página relacionada

Tal como se pode observar neste exemplo, a ligação faz-se entre um mapa, ou seja, uma unidade intersemiótica e uma página do sítio *web* do Turismo de Portugal. A relação estabelecida é da ordem da explicação, sendo o seu objetivo expor como surgiram as entidades regionais e qual o papel destas no seio da atividade turística. Além disso, importa mencionar a continuidade temática/semântica que se dá pelo título da imagem “Entidades Regionais e Turismo” e da página “Quadro regulamentar das Entidades Regionais de Turismo”.

Além das diferentes relações entre secções (tanto no seio da página como no seio do sítio *web*) parece-nos que existe um tipo de relação que denominamos relação topográfica e que se assemelha à relação de compatibilidade (cf. Joaquim Fonseca, 1992:44) ou de concomitância (cf. Marie-Jeanne Borel, 1991:66-87), que se manifesta a um nível espacial, ligando os diferentes blocos textuais ou as diferentes páginas constituintes do sítio através de uma justaposição textual. A relação topográfica substitui as relações hierárquicas, como refere Bolter:

A text as a network may have no univocal sense. It can remain a multiplicity without the imposition of a principle of denomination. In place of hierarchy, we have a writing space that is not only topical; we might even call it “topographic”.

(Bolter, 2001: 36)

No ponto que segue propomo-nos, à luz do que foi focalizado anteriormente sobre o plano de texto e as relações entre unidades, observar a organização do sítio *web* e discutir o seu carácter (des)linear e não hierárquico. Assim, começaremos por referir a sua natureza hipertextual, que, por um lado, faculta as relações entre as seções no seio do sítio *web* e, por outro, é um traço fundamental deste objeto.

4. Organização textual do sítio web

4.1. Hipertexto

De forma a deprender o que é um hipertexto, basear-nos-emos em duas definições, que a seguir comentamos.

A hypertext consists of topics and their connections, where the topics may be paragraphs, sentences, individual words, or indeed digitized graphics and segments of video. A hypertext is like a printed book that the author has attacked with a pair of scissors and cut into convenient verbal sizes. The difference is that the electronic hypertext does not simply dissolve into a disordered heap, because the author also defines a scheme of electronic connections to indicate relationships among the slips.

(Bolter, 2001: 35)

J. D. Bolter é especialista em “novos média” (*New Media*) e foi dos primeiros a explorar as virtualidades e as características dos hipertextos. Apesar de se tratar de uma definição muito geral, percebe-se que a maior característica do hipertexto é a possibilidade de criar conexões entre diferentes itens, que podem ser de natureza semiótica diferente. Vejamos a definição de Marcuschi, que nos parece mais elucidativa.

O hipertexto é um tipo de escritura. É uma forma de organização cognitiva e referencial cujos princípios constituem um conjunto de possibilidades estruturais que caracterizam ações e decisões cognitivas baseadas em (séries) de referências **não contínuas e não progressivas**. Considerando que a linearidade lingüística sempre constitui um princípio básico da teorização (formal e funcional da língua), **o hipertexto rompe esse padrão em alguns níveis. Nele, não se observa uma ordem de construção, mas possibilidades de construção pluri-linearizada.** (sublinhado por nós)

(Marcuschi, 2007: 151)

O que destacamos desta citação de Marcuschi é a possibilidade de organizar e construir o texto de forma não contínua e não progressiva. De facto, o hipertexto possibilita uma rutura com a linearidade devido, por um lado, à não imposição de uma ordem hierárquica de partes, blocos, seções a serem seguidos pelos leitor e, por outro, à sua organização em rede, como se mostrará a seguir.

4.2. Linearidade e deslinearidade nos sítios *web*

É sabido que a linearidade é uma característica linguística a vários níveis. Assim, a questão que se coloca é saber onde se manifesta a deslinearidade dos sítios *web* e quais as suas consequências a nível linguístico e textual.

A nosso ver, a deslinearidade dos sítios *web* não tem repercussões a nível linguístico, uma vez que a linearidade é uma condição necessária tanto no que concerne à formação do signo linguístico, quanto no que diz respeito à formação de sintagmas e de frases, tal como se pode ver neste exemplo, retirado do sítio *web* do Turismo de Portugal: “Encontra-se aberto, até 30 de setembro, o concurso 02/SIAC/2011 – Sistema de Apoio a Ações Coletivas”. Sem a linearidade linguística, os hipertextos e os sítios *web* não seriam inteligíveis. Acreditamos que a deslinearidade hipertextual se realiza na organização e na disposição dos conteúdos (Marcuschi, 2007:159), ou seja, a um nível macrotextual e não a um nível micro (signo, sintagma). A imagem que propomos a seguir evidencia a deslinearidade a nível da disposição e da organização.

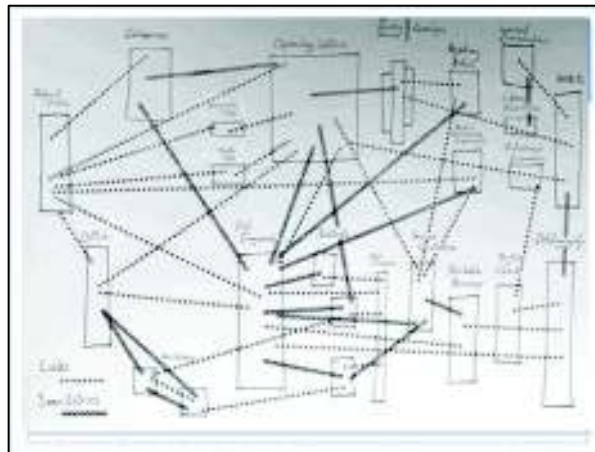


Ilustração 1. Esquema de um sítio *web*⁹

Esta imagem corresponde ao esquema e/ou rascunho de um sítio *web*. Os retângulos equivalem às páginas que o constituem, o tracejado, aos diferentes *links* que ligam as diversas páginas e o traço contínuo, às diferentes entradas do texto. Tal como se pode ver, a arquitetura deste futuro texto assemelha-se mais a uma rede do que a um objeto linear.

⁹ <http://cpamm.tripod.com/hipertexto.htm> (consultado a 26 de agosto de 2011).

4.3. Texto hierárquico e linear vs texto reticular

As ligações entre diferentes secções e unidades intersemióticas correspondem a uma inovação sem precedentes no modo de produção textual. Refletem, com efeito, um maior distanciamento relativamente a formas textuais mais hierarquizadas, por haver maior flexibilidade na organização textual e na leitura. Assim, parece-nos que o contexto virtual oferece a possibilidade de discutir alguns conceitos tradicionais da textualidade, nomeadamente a organização textual e o plano de texto. De facto, olhando para o conceito de texto tal como é definido na linguística dos textos e dos discursos, o que daí sobressai é o carácter hierárquico do texto. No sentido de discutir esse ponto, observemos três definições de três autores diferentes.

J. M. Adam concebe o texto como “une structure hiérarchique complexe comprenant n séquences elliptiques ou complètes” (2001: 34). Por sua vez, J.-P. Bronckart explica que a conceção do texto em folhado corresponde ao carácter hierárquico de toda a organização textual “[...] la logique de superposition que nous nous proposons repose plus profondément sur le constat du *caractère hiérarchique* de toute organisation textuelle.” (Bronckart 1997: 120). F. Rastier propõe uma definição que se insere nas ciências da cultura: “un texte est une suite linguistique empirique attestée, produite dans une pratique sociale déterminée, et fixée sur un support quelqueconque”. (2001: 21).

Os três autores defendem uma conceção hierárquica e linear do texto (“estrutura hierárquica”, “carácter hierárquico” e “suite”/sequência), que não é suficiente para dar conta dos sítios *web* e dos hipertextos em geral. No entanto, um ponto interessante em F. Rastier é a sua proposta de “remodelar” a noção de texto com a vinda da era digital.

À l’heure de la dématérialisation numérique, il faut songer à un remaniement, et l’opposition entre écrit et oral doit être dépassé par la notion de support. [...] Ainsi, un texte peut écrit ou oral, voire présenté par d’autres codes conventionnels, comme le Morse, l’Ascii, etc., et se manifester en interaction avec d’autres sémiotiques (film, etc.)

(Rastier, 2001: 21)

Apesar de Rastier não integrar essa observação na sua definição de texto, pode-se dizer que a intenção de “remodelar” o conceito de texto é um avanço no reconhecimento da necessidade de alterar, remodelar as definições dos conceitos já existentes.

Aliás, também se observa uma evolução na teoria de Adam relativamente a este ponto. De facto, em *A linguística textual. Introdução à análise textual dos discursos* (2008) o autor reconhece uma estruturação sequencial e não sequencial dos textos. Contudo, a sua reflexão foca “formas não-lineares de estruturação do sentido nos textos” e não questões da ordem da organização ou do plano de texto. Marcuschi (2007), por sua vez, salienta a existência da não linearidade em certos objetos textuais, nomeadamente notas, bibliografia, índices remissivos. Tal como se vê através dos últimos

trabalhos de Adam e Marcuschi, nota-se uma vontade de atualizar conceitos, tais como texto e organização textual. Todavia parece-nos que é ainda preciso aprofundar as análises textuais e genéricas para alcançar um maior conhecimento dos textos digitais e das suas consequências tanto a nível da organização e da sua produção, como das consequências e repercussões a nível social e individual. Talvez seja preciso à linguística olhar para outras áreas como a literatura, a semiologia e a filosofia, que já contemplaram as organizações em rede ou não lineares – referimo-nos particularmente às noções de “rizoma”, de Deleuze e Guattari (1980), de “texto ideal”, de Roland Barthes (1970), e de “organismo-rede” de Michel Serres (1969), para encontrar uma forma de conciliar o linear e o reticular.

Além disso, por um lado, força é de reconhecer que a linearidade não domina a textualidade, daí a necessidade de se afastar do “privilégio exagerado, quase exclusivo” da linearidade (Viprey, 2006: 74), que tem vindo a existir em seu torno e, por outro, legitimar que a era digital não veio revolucionar totalmente o que já existia (falamos em termos textuais – basta olhar para o funcionamento das notas de rodapé, dos dicionários ou das enciclopédias ou de certos textos literários, nomeadamente a escrita fragmental¹⁰).

5. Para concluir

Ao longo deste trabalho, pretendemos rever o conceito de plano de texto e sobretudo o de organização textual à luz dos textos digitais e, em particular, dos sítios *web*. Temos plena consciência de que os resultados que aqui apresentamos não são totalmente conclusivos. Todavia servem como pistas para continuar a alimentar as investigações e o debate em torno da questão do texto em rede e/ou não linear.

Ergue-se, agora, um novo desafio para nós, linguistas: o de escrever sobre textos não lineares em texto linear – tal como anuncia Ilya Snyder: “Na medida em que o hipertexto altera as experiências associadas com a escrita, a leitura e a textualidade, torna-se problemático descrevê-lo em termos tão estritamente ligados à tecnologia impressa.” (Snyder, 1997:XI).

Aliás, basta olhar para o mapa do sítio *web* do Turismo de Portugal (ilustração 2) para constatar que o que supostamente tem uma configuração em rede apresenta-se ao leitor sob a forma de lista.

¹⁰ Este aspeto encontra-se desenvolvido em Gonçalves (2010).

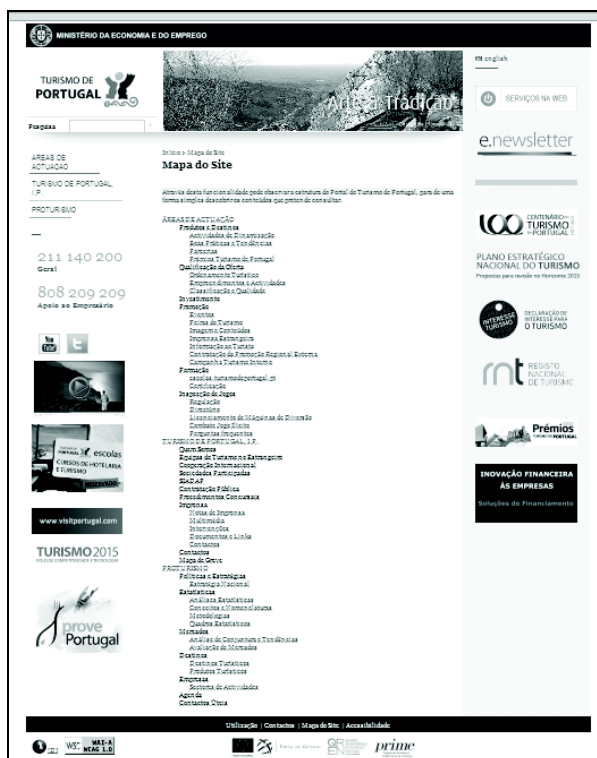


Ilustração 2. Mapa do sítio *web* Turismo de Portugal
<http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/Footer/Pages/MapadoSite.aspx>

Corpus

Turismo de Portugal: <http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/Pages/Homepage.aspx> (consultado em 26 de agosto de 2011)

Descubra Portugal: <http://www.descubraportugal.com.pt/edicoes/tdp/default.asp> (consultado em 26 de agosto de 2011)

NML Turismo e Desenvolvimento: <http://www.turismo-portugal.com/> (consultado em 26 de agosto de 2011)

Sítios, Serviços, Informação e Turismo: <http://www.sitios-sa.com/> (consultado em 26 de agosto de 2011)

Referências bibliográficas

Adam, Jean-Michel (2001). En finir avec les types de textes. In M. Ballabriga (orgs.) *Analyse des discours. Types et genres: Communication et Interprétation*. Toulouse: Editions Universitaires du Sud, pp. 25-43.

- Adam, Jean-Michel (2008) *A linguística textual. Introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo: Cortez Editora.
- Barthes, Roland (1970) *S/Z*. Paris, Seuil, coll. Points.
- Bolter, Jay David (2001) *Writing space: computers, hypertext and the remediation of print*. 2.ed., New Jersey: Lawrence Erlbaum.
- Borel, Marie-Jeanne (1991) “Notes sur le raisonnement et ses types”. In *Études de Lettres 4*, Université de Lausanne, pp. 67-86.
- Bronckart, Jean-Paul (1997) *Activité langagière, textes et discours. Pour un interactionnisme discursif*. Lausanne: Delachaux et Niestlé.
- Deleuze, Gilles & Félix Guattari (1980) “Rhizome”. In *Mille Plateaux*. Paris: Ed. De Minuit, pp. 9-37.
- Fonseca, Joaquim (1992) *Linguística e Texto/Discurso. Teoria, Descrição, Aplicação*. Lisboa: ICALP.
- Giffard, Alain (1997) “Petites introductions à l’hypertexte”. In Ferrand, Nathalie (orgs.) *Banques de données et hypertextes pour l’étude du roman*. Paris: P.U.F., pp. 35-104.
- Gonçalves, Matilde (2010) L’écriture fragmentale serait-elle un “texte réseau”? In *Directions actuelles en linguistique du texte. Actes du colloque international Le texte: modèles, méthodes, perspectives*. Casa Cartii de Stiinta: Cluj-Napoca, pp. 191-200.
- Legallois, Dominique (2006) “Des phrases entre elles à l’unité réticulaire du texte”. *Langages* 163, pp. 56-70.
- Marcuschi, Luiz Antônio. (2007) Linearização, cognição e referência: O desafio do hipertexto. In *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, pp. 146-170.
- Rastier, François (2001) *Arts et Sciences du Texte*. Paris: PUF.
- Serres, Michel (1969) *Hermès I, La communication*. Paris: E. Minuit.
- Snyder, Ilya (1996) *Hypertext: The electronic labyrinth*. Melbourne: Melbourne University Press and New York University Press.
- Viprey, Jean-Marie (2006) “Structure non séquentielle des textes”. *Langages* 163, pp. 71-85.
- Xavier, Antônio Carlos (2005) Leitura, texto e hipertexto. In Marcuschi, Luiz Antônio & Antônio Carlos Xavier (orgs.) *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna.

